
Masterplano e a música eletrônica de pista: como corpos emergem e se afetam no espaço público¹

Sóstenes Reis SIQUEIRA²

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

RESUMO

A partir de leituras e discussões em torno da Virada Afetiva e Virada Ontológica, proponho neste trabalho um olhar autoetnográfico sobre a cena de música eletrônica de pista de Belo Horizonte, Minas Gerais. Inspirado por este percurso acadêmico recente, proponho neste trabalho, uma aproximação afetiva com a festa “Monas ao Luar”, do coletivo artístico Masterplano, que aconteceu no dia 13 de maio de 2023, no Viaduto Santa Tereza, espaço público localizado no centro da capital mineira. A partir de uma imersão e escuta ativa, desejo descrever as afetações que emergiram, durante o evento, a partir da materialidade dos corpos, sons, imagens e das disputas territoriais, no espaço público.

PALAVRAS-CHAVE: música eletrônica de pista; virada afetiva; autoetnografia; espaço público

Introdução

Começo este trabalho, pela primeira vez, de um ponto de vista, do qual nunca parti. Me visto de um olhar autoetnográfico sobre a cena de música eletrônica de pista³, de Belo Horizonte/Brasil. Cena da qual faço parte desde 2015, a partir da minha experiência enquanto DJ e produtor do coletivo artístico Masterplano, além de DJ residente da festa Mientras Dura. Neste início, é importante frisar sobre minha participação nas atividades, da “cena clubber” - como é nomeado um conjunto de fazeres que envolvem festas de música eletrônica de pista em espaços abertos (praças, viadutos, campos de futebol, estádios, etc) e fechados (clubes, galpões, bares), sessões de cinema, palestras, atividades de formação e *afters* (festas que acontecem depois das festas oficiais, geralmente em períodos da manhã e tarde).

Entende-se como um coletivo de música eletrônica, grupos de artistas, DJs, produtores culturais que realizam festas, eventos com estéticas próprias. “De 2015 para cá, coletivos como Masterplano, 1010 e Mientras Dura vêm

¹Trabalho apresentado no GP Comunicação, Música e Entretenimentos, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Doutorando no curso de Comunicação da UFMG, e-mail: sostenes7@gmail.com

³ “A MEP pode, em princípio, ser escutada em qualquer lugar. Porém, para além dessa indeterminação de facto, podemos dizer que é a relação do DJ com sua pista de dança que determina, de jure, a sua forma efetiva: certos sons tocados pelo DJ gerando certos movimentos na pista de dança e vice-versa, sem que se saiba ao certo quem veio antes”. (FERREIRA, 2008, p. 14)

reassignificando o ‘rolê’ com festas que, para além da música, apostam no “faça-você-mesmo”, na diversidade, na liberdade de escolha e na ocupação artística da cidade”. (BUZATTI, 2017).

O Masterplano, coletivo artístico de Belo Horizonte, foi criado em 2015 e é formado por 7 artistas. Já realizou mais de 58 edições de festas, com uma média de 1.500 pessoas por evento e centenas de artistas, gerando diversos tipos de interação, performances e afetos em seus espaços, voltado principalmente para o público LGBTQIAP+. Em seu site oficial, o coletivo se descreve como:

(...) um dispositivo ativador dos espaços e provocadora de encontros, debates e insurgências - é isso que o Masterplano vem fazendo desde sua criação em 2015. O coletivo é uma iniciativa de sete artistas de Belo Horizonte que promove e utiliza das festas como um recurso para redescobrir a cidade e seus espaços. Articulado música, arte e temáticas que atravessam essas experiências - como ativismo de gênero, sexualidade, territórios e a própria forma de produção - o coletivo convida o público a experimentar e construir espaços híbridos que borram as fronteiras entre o institucional, a rua, o entretenimento e o ativismo. E combinado com as festas, realizam encontros de caráter formativo (oficinas, palestras, debates e sessões de cinema) (MASTERPLANO, 2018)

No conjunto de atividades desta cena, além de DJ e produtor, também sou parte do público. Em muitas destas festas, sou somente um participante com o único propósito de dançar ao som de *techno*, *house*, *funk* e outros gêneros musicais da vasta música eletrônica de pista.

Desde o início dos meus estudos no âmbito do doutorado em Comunicação, a aproximação com alguns trabalhos e leituras em torno da Virada Ontológica⁴ e Virada Afetiva⁵, me fez questionar muito meu papel enquanto pesquisador. Principalmente em relação à “falsa” distância que sempre estimei no meu trabalho acadêmico, a fim de evitar contaminação e talvez manter a “essência” do fenômeno que tanto quis recortar. Durante meus estudos no âmbito do Mestrado, cada vez que eu estimulava essa distância, mais eu me lembrava que sou DJ, produtor e faço parte desta cena de música eletrônica. E, talvez a minha experiência nesse contexto possa ser uma possibilidade de pensar mundos, construir novas ciências e possibilitar diálogos nos estudos de Comunicação. Como refletem os pesquisadores (MENDONÇA; MEDEIROS; DA

⁴ “La corriente denominada «giro ontológico» se presenta a sí misma como una tecnología de la descripción que hace «lo otro» visible a través de la experimentación con posibilidades conceptuales etnográficas, y en la que se articula «lo que podría ser» de forma anti-normativa.” (ABRISKIETA; RIPALDA, 2016, p.121)

⁵ A virada afetiva perturba e desafia muitos dos nossos hábitos de pesquisar, justamente porque pesquisar é por em comunicação. Na virada afetiva, a pesquisa não é apenas controlada pela teoria e pelos conceitos, estes são amplificados, questionados e colocados sob tensão pelos afetos e perceptos. (MORICEAU, 2020, p.23)

SILVA, 2020, p.41), “para ouvir o outro, é preciso também falar de si, à medida que o processo de afetar está diretamente ligado ao de ser afetado”.

Além das leituras vinculadas à Viradas Afetiva e Ontológica, também me vi inspirado por um trabalho acadêmico que li durante os encontros do Neepec (Núcleo de Estudos em Estéticas do Performático e Experiência Comunicacional), do Departamento de Comunicação Social da FAFICH/UFMG. Trata-se da dissertação de Mestrado “Fazer banheiro: as dinâmicas das interações homoeróticas nos sanitários públicos da estação da Lapa e Adjacências”, elaborada na área da Antropologia, pelo pesquisador Tedson da Silva Souza (2012). Um trabalho autoetnográfico que trata questões de gênero, territórios e afeto na pesquisa acadêmica, mesmo o pesquisador não citando enfaticamente a virada afetiva como norte em sua pesquisa. Por isso, essas são as principais referências que motivaram essa escrita.

Inspirado por este percurso acadêmico recente, proponho neste trabalho, uma aproximação afetiva com a festa “Monas ao Luar”⁶, do coletivo Masterplano, que aconteceu no dia 13 de maio de 2023, no Viaduto Santa Tereza, espaço público localizado no centro da capital mineira. Essa festa foi realizada com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte, dentro da programação da Festa da Luz, que aconteceu entre 11 e 14 de maio de 2023. Importante frisar que o Viaduto Santa Tereza, além de cartão postal da capital mineira, é um espaço importante para a cultura urbana da cidade, abrigando eventos como o Duelo Nacional de Mcs, Carnaval de Rua, entre outros de grande magnitude. Além, é claro, de ser um espaço de encontro entre skatistas, pessoas em situação de rua e transeuntes, visto sua proximidade com a estação central de Metrô, de Belo Horizonte. A partir de uma imersão e escuta ativa, desejo descrever as afetações que emergiram, durante o evento, a partir da materialidade dos corpos, sons, imagens e das disputas territoriais, no espaço público. Os afetos registrados aqui não excluem a materialidade dos sons, da arquitetura do espaço público e dos corpos.

Trago como orientação para meu trabalho, os passos propostos por Jean Moriceau (2020), para uma “escrita afetiva”:

⁶ O nome “Monas ao Luar” é uma brincadeira/piada com o nome “Minas ao Luar”, projeto cultural desenvolvido pelo Sesc em Minas Gerais, desde 1994, que leva programação musical de serestas e shows de violeiros, para todo o estado, de forma gratuita. O termo “Monas”, utilizado aqui pelo coletivo Masterplano, é muito difundido dentro da comunidade LGBTQIAP+ e pode significar “gay, afeminada, travesti, mulher, etc”.

ser tocado, ser afetado pela experiência, deixar esta experiência abalar e pôr em movimento a teoria, o que sabemos, chamando um reflexividade política e ética e exingindo uma escrita performativa, plural para comunicar esse movimento, essa inquietação, permitir experimentar, repensar, dar a pensar cada um e juntos. (MORICEAU, 2020, p. 26)

E por isso, me atento às minhas escutas, à minha observação sobre os corpos dos outros, a fim de permitir uma porosidade do meu próprio organismo frente ao som, imagens, luz e textos presentes durante um evento de música eletrônica de pista. “Uma abordagem metodológica dos afetos "começa com uma fenomenologia do contato sensorial, atenta às luzes, cores, sons, gostos, cheiros, toques produzidos em nós" (MORICEAU; MENDONÇA, 2016, p. 85). Na pesquisa de Tedson Souza (2012, p.26), sobre os “banheirões” de Salvador/BA, o pesquisador investiga como os corpos são realocados, dentro de novas coletividades urbanas. E aqui, aciono também a maneira como a pesquisadora Annemarie Mol (2018) reflete sobre como corpos emergem a partir de práticas diversas em cenários específicos, por isso busco registrar como esses corpos aparecem e se afetam em um espaço público.

Para ampliar esse olhar afetivo durante o evento, trago também neste trabalho registros fotográficos produzidos por mim. Metodologicamente, optei por não utilizar entrevistas, já que, como produtor do coletivo Masterplano, sou relativamente conhecido por boa parte deste público, e fiquei apreensivo com a qualidade do material coletado, por estar ciente do quanto a presença do meu corpo, afeta também o ambiente de pesquisa (MENDONÇA; MEDEIROS; DA SILVA, 2019, p.41). Por isso, me atenho a registros a partir da escuta ativa durante o evento, que aconteceu das 14h às 22h, no centro de Belo Horizonte.

Masterplano: uma aproximação afetiva e etnográfica

Inicialmente, quando pensei na estrutura deste trabalho, refleti muito sobre os afetos nos corpos e objetos presentes nessa festa, mas como a rua é um lugar de disputa e totalmente fora de controle, as inquietações aqui foram inúmeras, mas preferi salientar as que emergiram além da minha lista prévia. Como Jota Mombaça (2021) propõe, em sua Greve Ontológica, pretendo perder o medo de me afetar pela experiência que é viver e ser parte desta cena cultural, e assim não colaborar para uma ciência que separa a experiência do contexto do pesquisador/observador, a fim de manter certos cânones universalistas e a centralidade de olhares colonizantes. E como enfatiza Gloria Anzaldua

(1981), o perigo em ser universal e humanitário sacrifica o particular e o momento específico (p.233). E por isso, o contexto e o saber localizado desse grupo, em especial, o coletivo Masterplano e sua comunidade LGBTQIAP+ em sua maioria, me interessam, como propõe Donna Haraway (1995), em sua noção de objetividade corporificada e de saber localizado. Espero que este desejo que orienta meu trabalho não soe como uma viagem egóica e que esta experiência afetiva interesse a diferentes sujeitos, e principalmente, seja um texto que diminua as visões pejorativas e pré concebidas sobre o público e a cena de música eletrônica de pista.

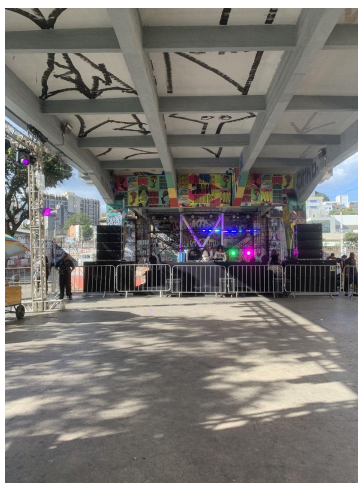
Antes de chegar ao dia da festa que escolho como fenômeno de análise, preciso frisar sobre como meu corpo age a partir de duas vivências: 1 - enquanto participante da cena e 2 - enquanto participante da cena e pesquisador. No primeiro ponto, antes de uma festa, há toda uma preparação de dias até que o evento aconteça. Essa preparação se dá através de grupos de mensagens em plataformas como Telegram e Whatsapp, posts em redes sociais, contatos telefônicos com produtores, poder público e técnicos de som e áudio, para que a festa aconteça. Na minha experiência de Masterplano, sempre me dedico a diferentes frentes como: divulgação, contratação de equipes e organização de feiras. No evento “Monas ao Luar”, me dediquei mais aos textos de divulgação nas redes sociais e à produção do *artist care*, trabalho que consiste em manter conforto, bebidas e alimentação para os artistas que se apresentaram na festa. No segundo ponto, além de fazer meu trabalho usual, me preparei psicologicamente para manter meu corpo alerta e ativo para capturar os afetos presentes, com a finalidade de fazer este trabalho acadêmico.

No dia da festa, acordo pela manhã, às 9h aproximadamente, abro o grupo na plataforma Telegram, acompanho as mensagens compartilhadas pelos meus colegas de grupo e tomei um café da manhã. Tomo banho, repasso uma lista interna do que observar durante o evento. Nesta experiência de ida às festas, sempre me preparo com cuidado, pensando em acessórios vestíveis, próteses temporárias que desenhem minha silhueta, a fim de projetar alguma narrativa/enredo com meu corpo e associá-lo ao ambiente de festa. E aqui considero como próteses temporárias, tudo aquilo que me permite performance enquanto ser humano que dança: calçados, roupas que me protegem do frio e do calor, brincos, um hidratante labial, a medicação PrEP (profilaxia

pré exposição ao HIV) que tomo antes de sair de casa, meu celular e um *powerbank* (carga de celular sem a necessidade de uma tomada).

A festa começaria às 14h, mas me preparo para chegar às 12h30, a fim de organizar o camarim e as bebidas. Quando chego ao local, o Viaduto Santa Tereza está ainda totalmente vazio, mas com todo o sistema de som e iluminação montado e preparado para a festa. Eu que estou com um pendrive na minha pochete, aproveito para testar o sistema de som. Toco por uns 20 minutos: músicas de diferentes gêneros musicais, como se fizesse uma prévia do que seria a festa, afinal, eu não estou na programação enquanto DJ, e não deixo de aproveitar a oportunidade de testar músicas que gosto, naquele potente sistema de som. Ali, o som ecoa por toda a parte inferior do viaduto, em que é possível sentir o grave atingir o centro do meu peito e a superfície dos meus pés. O grave também pode ser um abraço, mas para chegar a essa sensação, a presença de técnicos de som cuidadosos é super necessária. A equipe contratada de som (Johnny Sonorização) está toda ali presente, sempre checando comigo e com Vitor Lagoeiro (um dos participantes do coletivo Masterplano) se está tudo bem na qualidade sonora, em constante diálogo.

Figura 1: Imagem do palco do evento Monas ao Luar (Masterplano)



Fonte: Sóstenes Reis Siqueira (2023)

Ali permaneço por um tempo, observando a magnitude do Viaduto Santa Tereza, esse importante cartão postal para a cultura urbana de Belo Horizonte. É possível ouvir o som ecoando pelo Viaduto, por debaixo dessa estrutura concreta e material, mas sem

obstáculos. Vitor Lagoeiro (2023) em mensagem de texto compartilhada no grupo interno da Masterplano no Telegram, diz: “Nossa, tou na Afonso Pena, chegando no Viaduto e tou ouvindo o som. Nem virei na Bahia ainda”. Neste momento, Vitor está a cerca de 900 metros de distância do evento, evidenciando o alto impacto da fonte sonora, porém só poderíamos experimentar a potência do som, com a chegada do público e seus corpos, como materialidades e performatividades, por onde esse som atravessaria, durante aquela tarde/noite.

Antes da festa começar, me atenho a organização e distribuição de pulseiras (para equipe de trabalho), organização das bebidas no refrigerador do camarim e alguns contatos telefônicos via mensagem e ligação. Percebo logo nesse início que minha roupa, ou as próteses temporárias que escolhi para performar enquanto ser humano gay, estava desconfortável pelo calor excessivo daquela tarde. Eu que havia pensando previamente em um vestuário para aquele dia, resolvo abandonar o “look” e ligo para Vitor Lagoeiro, meu amigo e um dos membros do coletivo Masterplano. Peço para que ele me empreste uma camisa sua, já que ele sairia de casa em alguns minutos.

Figura 2: Mapa do palco e mapa de luz do evento “Monas ao Luar”



Fonte: Vitor Lagoeiro (2023)

Festa iniciada, os primeiros DJs que tocam são Pedro Pedro e Romana Abreu, ambos DJs e produtores do coletivo Masterplano. Eles fazem um tipo de *DJset* que chamamos de *B2B (back to back)*, um set feito a quatro mãos, onde um DJ toca uma canção e o outro DJ mixa (mescla) com a música seguinte. Durante esse início, o público começa a chegar, um clima de confraternização e diversidade das pessoas presentes - corpos, idades, classes sociais. Afinal, essa é uma festa gratuita, no espaço público, perto da estação central de metrô, com facilidade de acesso de pessoas de Belo Horizonte e região metropolitana. Diferente das festas em espaços fechados do coletivo

Masterplano, neste evento é possível ver a chegada de diversos pais com seus filhos, crianças e adolescentes de diferentes idades. Esse início tem um clima de confraternização, muitos abraços e beijos, muitos “Oi, como você tá?”, “adorei seu look”, “saudades de uma master na rua” e diálogos desse tipo. E os corpos ali presentes já começam a formar uma “pistinha”, ensaiar uns passinhos, inclusive os corpos da população em situação de rua que vive e transita por essa região.

Figura 3: Público presente na festa Monas ao Luar



Fonte: Sóstenes Reis Siqueira (2023)

Com o sistema de som alinhado, a frequência dos sons graves já é possível ser sentida pelos nossos corpos, principalmente no centro do peito e na superfície dos pés. A cada virada de música, mais empolgação e afetos entre máquinas, corpos humanos e arquitetura do viaduto. Esses espaços lúdicos de entretenimento e de produção de sentidos criam zonas de “heterotopia”, conceito de Foucault – acionado por Pereira e Gheirart (2020) – que “configuram espaços outros que suspendem, neutralizam ou invertem o conjunto de relações por eles designadas” (PEREIRA; GHEIRART, 2020, p. 7). Esses espaços, por sua vez, se reconfiguram em seus aspectos funcionais, para um fim específico e efêmero, como é o caso de uma festa de música eletrônica, com a produção de novos sentidos e um novo sistema de protocolos para determinado local. Afinal, uma fábrica, uma praça, um campo de futebol de várzea ou a sombra de um viaduto também podem ser espaços de festa.

Logo nesse início, experimentamos uma quebra dessa “utopia” com a chegada da Polícia Militar ao local, para uma “vistoria de rotina” ao local, porém com uma abordagem específica a dois homens negros, membros da equipe de som contratada pelo

coletivo. A música continua, a abordagem policial segue na fachada da Serraria Souza Pinto, espaço de eventos que fica ao lado direito do viaduto Santa Tereza. Vou até o gerente da equipe de som e pergunto se aquela abordagem faz algum sentido. Ele me responde que conhece pouco os dois homens da sua equipe e que eram novos funcionários. Fico indignado com a abordagem policial, já que os dois homens são negros e vestem bermudas de tectel, correntes douradas e camisas de time de futebol: um esteriótipo muito buscado pela Polícia Militar em suas abordagens. Na pesquisa de Tedson Souza (2012), por exemplo, ele destaca o racismo e o classicismo na forma que as pessoas veem certas regiões e pessoas que as habitam. “(...) há muitos relatos de que na Lapa só há gente feia, mal vestida, que só há ladrões identificados por roupas de surfwear do tipo Cyclone e que a Lapa é um local dantesco” (Souza, 2012, p.78). Aqui, percebo ainda mais o estigma marcado nessas pessoas a partir de sua raça e vestimentas, também em Belo Horizonte/MG, onde faço minha análise e onde ocorre a abordagem policial.

Figura 4: Imagem da lateral direita do Viaduto Santa Tereza, onde é possível ver a fachada da Serraria Souza Pinto, onde aconteceu a abordagem da Polícia Militar. No primeiro plano da fotografia, do lado esquerdo é possível ver parte do sistema de som.



Fonte: Sóstenes Reis Siqueira (2023)

Durante os 15 minutos da abordagem policial, falo com meus amigos do coletivo Masterplano através de mensagens privadas no nosso grupo no Telegram, se devemos tomar alguma atitude, porém os policiais encontraram pequenos pacotes de

maconha com os dois homens e no veículo deles, que estava estacionado próximo do evento. Eles são detidos imediatamente e sem possibilidade de justificativa naquele momento. Nesses 15 minutos, a música segue, a pista de dança que já se formava, é impactada pelo som e pela visualidade da abordagem policial. Os corpos são afetados pela vibração do som, mas também pela visualidade da cena policial, tão corriqueira no centro de Belo Horizonte. Como Jean Luci Moriceau (2020) descreve a pesquisa nos afetos, o pesquisador se vê em um:

o encontro com o outro, com o mundo e com o evento, com o que está vindo – e assim se volta não para temas previamente identificados, mas para o que no encontro é percebido como estranho, sutil, incompreensível, surpreendente, favorecendo momentos de extrema intensidade e significância (MORICEAU, 2020, p.24)

Por mais que eu, enquanto pesquisador, tenha previamente elencado os pontos que orientaria minha observação, o tema “drogas” não estava em meus planos⁷. Em outras abordagens policiais que presenciei em festas do coletivo Masterplano e de outros coletivos, geralmente o som era interrompido e a atenção do público era voltada exclusivamente para esse evento. Diferente dessas situações anteriores, no evento “Monas ao Luar”, a atenção dos corpos fica difusa, fragmentada, pelo prazer utópico do que é uma festa e pela dura realidade que é uma abordagem policial e a estrutura colonial e racista de poder, no espaço público.

Como participante dessa cena cultural, posso dizer baseado em minha experiência, que o consumo de álcool e outras drogas lícitas e ilícitas não são contempladas pela Cannabis, a droga apreendida pela Polícia Militar no dia do evento. Por ser uma droga que estimula mais relaxamento e sono, diferente dos estímulos, que geralmente o público de música eletrônica de pista busca.

E aqui eu reitero, uma reflexividade movida pelos afetos. Porquê nenhum jovem branco é abordado no dia do evento? Nem mesmo nós da organização do evento fomos abordados ou convidados a nos pronunciarem à polícia. A Masterplano é um grupo cultural gerido por 7 pessoas (4 homens brancos e gays, 1 mulher branca e bissexual, 1 mulher negra e heterossexual e 1 mulher branca e heterossexual). Por isso, reflito a partir da leitura de Edgardo Castro (2014), sob a luz do pensamento de Foucault,

⁷ Desde meus estudos no âmbito de Mestrado, me deparei com uma considerável quantidade de trabalhos acadêmicos sobre música eletrônica de pista, com forte foco no consumo de drogas ilícitas e lícitas. Em muitos desses trabalhos, eu percebia uma distância muito grande do pesquisador com o campo e um certo “moralismo” por parte deles em relação ao tema.

quando diz que “o poder disciplinar resulta complementar de uma concepção social fundada em princípio abstrato de igualdade de direitos, porque para funcionar requer a normalização da vida dos indivíduos” (CASTRO, 2014, p.69). Quem se beneficia com esses regimes de disciplina do ambiente urbano, com a criminalização das drogas e cárcere da população negra? E assim o “racismo moderno” mantém-se como uma “tecnologia de poder” e com “discurso de guerra de raças” (CASTRO, 2014, p. 82).

Tomo conhecimento por algumas pessoas presentes ali, que aquela abordagem faz parte de uma investigação da Polícia Militar de Minas Gerais que já vinha acontecendo há um tempo. Porém essas informações chegam até mim em forma de boatos e sem informações oficiais de advogados. Desde 2015, ano em que inicio minha participação nesta cena cultural, o que mais vejo é boato, fofoca e intrigas sem fundamentos em redes sociais como Twitter e Instagram. Como entoa Lady Gaga, cantora pop, "That's gossip, what you on?" (2020).

Passada a abordagem policial e finalizado o DJset de Pedro Pedro e Romana Abreu, sigo meu trabalho de observação afetiva com menos ansiedade. Digo menos ansiedade, pois a presença da Polícia Militar no ambiente torna a experiência de festa totalmente tensa, como se algo pudesse minar a energia utópica que o coletivo Masterplano tenta estimular na festa. Afinal, estamos quase todos afetados (de diferentes maneiras) por essa abordagem policial, o que nos leva a crer que talvez tivéssemos alguma culpa. No meu caso de sujeito pesquisador e afetado, eu penso sobre os dispositivos de poder, de Foucault, uma domesticação dos corpos que nos faz crer todos os dias que um viaduto, por exemplo, é apenas uma passagem da organização urbana, e que não poderia ser espaço de festa. Que só os espaços institucionalizados para tal devem manter as festas e nós não deveríamos estar ali na rua, festejando e celebrando em um evento gratuito, algo tão raro para a população de Belo Horizonte, principalmente a população pobre.

O DJ set da sequência é outro *B2B*, dessa vez com os DJs Bebela e Danny, dois artistas de Belo Horizonte. Nesse momento, a pista de dança se move com bastante empolgação, ao som de ritmos como *trap*, *global bass*, *funk* carioca e *funk* de BH. Nesse momento, percebo uma integração maior de pessoas negras no *front* (como costumeiramente essa cena chama a parte da frente da pista de dança), já com gritos de admiração para os dois DJs e passos de danças feito em conjunto. Ouço o diálogo entre

duas pessoas desconhecidas falando como fazia tempo que a Masterplano não fazia festa de rua, que era muito mais divertido. Importante frisar aqui, que no início deste coletivo cultural, as festas de rua eram mais possíveis de acontecer, através de ocupações despreziosas, custos mais baixos e facilidade nos licenciamentos. A festa Monas ao Luar, por exemplo, só foi possível através de uma parceria e integração junto à Festa da Luz e Lei Municipal de Incentivo à Cultura.

Alloy é o próximo DJ a tocar na festa, já dando o início para uma mudança de atmosfera, com um estilo que a cena nomeia de *hard dance* (batidas mais aceleradas, sons graves mais fortes e beats quebrados). Esse tipo de sonoridade gera afetos corporais mais intensos, movendo os corpos com mais velocidade e com isso, atraindo mais público das redondezas do Viaduto Santa Tereza, para perto do palco e da fonte sonora. Gostaria de deixar aqui uma impressão e afeto pessoal sobre como vejo esse público em relação a passagem do tempo/dia. Gosto de dizer que a cena de música eletrônica de pista é uma cena noturna, pois a maior parte desse público se reúne e se aproxima dos objetos sonoros (caixas, palco, festas) e de outros corpos durante a noite. Por isso, muita gente dessa cena nomeia a si e a outros amigos e amigas de “vampiro, vampira”. Eu, enquanto público, prefiro a passagem do tempo, e a luz âmbar que o pôr do sol e o nascer do sol proporcionam, criando uma atmosfera transitória.

Entre uma apresentação e outra, eu sigo com o meu trabalho de *artist care*, repondo bebidas para os DJs, perguntando sobre o que eles gostariam de beber e quantidades. Um trabalho físico que consiste em encher um balde de gelo e bebidas, subir e descer escadas e levar até o palco. O que até o final do evento me causou dores nas pernas, cansaço e muito sono. Porém, diferente de mim, o público presente permanece em situação de baile frenético, e à medida que o tempo passa, mais gritos, sorrisos, ebbriedade e beijo na boca ocorriam em espaço público.

O DJ Kontronatura é de São Paulo e é o próximo a integrar a programação. Nesse momento, sou afetado por duas sensações específicas, que gostaria de sinalizar: a luz super atmosférica criada pelo coletivo Tarja, durante esse evento, e o som muito energético do DJ, que marcou a chegada da noite. Como salientado anteriormente, as festas funcionam muitas vezes como lugares utópicos e zonas temporárias de diversão, mas durante esse momento, o Viaduto Santa Tereza, de fato, parece ser uma boate fechada. Como se este espaço estivesse bloqueado do tempo e do espaço e por um

momento esquecemos que estamos no espaço público. O Coletivo Masterplano, junto a sua produtora executiva Dalila Bastos e à Festa da Luz, conseguiram interromper a luz pública do Viaduto, podendo assim, criar uma luz específica e rítmica durante a noite. Nesse momento, o público, inclusive eu, estamos imersos nessa atmosfera desenhada exclusivamente para esse tempo e espaço, sem a necessidade de vermos uma iluminação pública, que nos lembrasse que estamos ainda na cidade, que é uma zona de passagem do centro, etc. Já é possível ver afetos corporais mais intensos e afetos mais intensos com as máquinas, pessoas querendo mais e mais proximidade com as caixas de som, com as fontes sonoras, principalmente com as *subwoofers* (as caixas responsáveis pelas frequências graves e ficam mais próximas dos pés das pessoas), beijos na boca, suor escorrendo e brilhando com o toque da luz nos corpos, principalmente nas cores vermelha e verde. A escuridão, para esse público, parece libertadora, pois além de permitir um desenho de iluminação artificial, dá mais liberdade para dançar/agir como quiser. Enquanto a claridade parece ser opressora e fortemente vigilante.

Figura 5: QRcode com acesso ao vídeo em formato vertical que destaca iluminação e som do evento Minas ao Luar e os afetos gerados nos corpos do público, durante o DJset do DJ Allaoy.



Fonte: Sóstenes Reis Siqueira

Depois de muitas horas de música eletrônica de pista no espaço público, sou afetado por uma rede de sensações, ou melhor, por uma rede sinestésica: alegria coletiva, corpos que se tocam e se esbarram, cheiro de urina, caixas de gelo que derramam água gelada sobre o chão respingando nas minhas pernas e capturando minha atenção e a visualidade de corpos que vão se deteriorando ao longo do dia.

A festa caminha para o último DJset, dessa vez um *B2B* de Belisa e Vitor Lagoeiro, ambos DJs e produtores do coletivo Masterplano. Antes do início do DJset,

Belisa e Pedro Pedro anunciam no microfone que depois da festa haverá um *after* (tipo de festa que acontece depois da festa oficial) promovido pelo coletivo Silicose, com entrada paga. Esse é o único momento em que o microfone foi usado durante a festa Monas ao Luar. Em meio a gritos, danças mais pulsantes e luzes mais intensas, a festa chega ao fim, pontualmente às 22h. Diferente dos dois DJsets anteriores, a música conduzida por Belisa e Lagoeiro é mais alegre, dançante e de *house music*, um gênero muito popular e nostálgico dentro da música eletrônica de pista e com forte apelo LGTBTQIAP+, com músicas muitas vezes cantadas. Ao final do evento, os corpos das pessoas se dispersam pelo centro de Belo Horizonte, acessando a estação Central de Metrô, pessoas pedem carros de aplicativo, ligam para os amigos e combinam o que fazer depois depois dali. Nesse momento, já vejo os corpos com suas roupas e próteses vestíveis semi deterioradas, um cansaço feliz marcado em seus rostos e o desejo em seguir dançando por toda a noite. Ao final do evento, mando uma mensagem privada de despedida para meus amigos do coletivo Masterplano, no Telegram, e termino a noite em minha casa.

Algumas considerações

No percurso desta escuta ativa mobilizada pelos afetos e pelos corpos que emergiram na prática de uma festa de rua, como a Masterplano, gostaria de deixar algumas considerações - enquanto pesquisador, observador e participante desta cena de música eletrônica de pista. Primeiramente, a relação do corpo dentro do espaço público e os estigmas que muitos carregam nas suas performances e práticas diárias. O corpo que vai para o espaço público para dançar é um corpo que se veste de próteses temporárias para criar uma narrativa sobre si e para o outro, mas também pode ser um corpo marcado e estereotipado, como o caso dos dois homens negros detidos pela Polícia Militar. A Masterplano é uma experiência de entretenimento bastante querida e admirada na cidade, mas nem todos os corpos que habitam a rua, são queridas pelo estado e pelo sistema de segurança pública. Quem festeja, quem trabalha e quem tem o direito de circular livremente por esses espaços?

O segundo ponto que me toca é em relação à deterioração/afetação dos corpos ao longo do evento. Uma festa começa com clima de confraternização e termina com clima de cansaço, desmonte e deterioração, tanto dos corpos, como do espaço público,

depois de muitas horas de música e celebração. Essa relação me interessa muito, principalmente pela criação de utopias/heterotopias que as festas estimulam enquanto eventos. O suor, o consumo de álcool e outras drogas, a roupa que começa a se desfazer em meio a tantos empurrões e movimentos de corpos. O gelo derretido na caixa de isopor, para mim, é a melhor metáfora, para a passagem do tempo na festa. No início, sua aparência é de um cristal, no final, ele é uma água parada, gelada e suja pela frequência do tempo. Espero que essa passagem não soe como algo higienista, pois ao contrário disso, acho que os dois momentos/temporalidades do gelo são relevantes e “lindos” para a experiência da festa.

Minha terceira e última consideração é em relação aos aspectos materiais para a construção e elaboração desses afetos, como a arquitetura, a luz e o som, para desenho de uma atmosfera de boate, embaixo de um Viaduto, com o Santa Tereza. A iluminação pública vigilante e policial é desligada. A escuridão é desenhada por uma luz artificial e que estimula afetos mais intensos, como a dança despreocupada, o agir solto e os beijos intensos. Criando assim, a ambivalência: escuridão libertadora X claridade opressora. O Viaduto Santa Tereza, além de palco do Duelo de Mcs e “abrigo” para população em situação de rua, também pode ser boate.

Termino este trabalho, com desejo de investigar mais sobre essa cena de música eletrônica de pista e sobre as práticas dos corpos que emergem nestes contextos, colocando o meu próprio corpo como mediador desses afetos.

Referências

- ANZALDÚA, G. **Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo**. Revistas Estudos Feministas, UFSC. v. 8 n. 1 (2000)
- BUZATTI, L. Muito além do tux-tux: coletivos reinventam a cena eletrônica de BH. **Hoje em Dia**, Belo Horizonte, 21 out. 2017. Disponível em: <https://cutt.ly/2flhXMf>. Acesso em: 20 jun. 2023.
- CASTRO, E. **Introdução a Foucault**. Belo Horizonte, Autêntica, 2014.
- GAGA, L.. **Chromática**. Interscope Records, 2020.
- FERREIRA, P. P. Transe Maquínico: quando som e movimento se encontram na música eletrônica de pista. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 14, n. 29, p. 189-215, jan./jun 2008. Disponível em: <https://cutt.ly/XflhC8r>. Acesso em: 28 jun. 2023.

GONZÁLEZ-ABRISKETA, O.; CARRO-RIPALDA, S. La apertura ontológica de la antropología contemporánea. **Revista de Dialectología y Tradiciones Populares**, v. 71, n. 1, p. 101–128, 30 jun. 2016.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**; n. 5 (1995): **Situando diferenças**, 2009.

MARTIN, D.; PINK, M. J.; Pereira, P.P.G. Corpos múltiplos, ontologias políticas e a lógica do cuidado: uma entrevista com Annemarie Mol. *Interface - Comunicação, saúde e educação*. 2018; 22(64):295-305.

MASTERPLANO. **About**. Disponível em: <https://masterplano.org/about>. Acesso em: 28 jun. 2023.

MENDONÇA, Carlos. M. C.; MEDEIROS, E. S. ; SILVA, M. S. F. . Textualidade e dimensão afetiva como método investigativo: pesquisador afeta(n)do no aplicativo de encontro gay Grindr. In: MARTINS, Bruno et al (orgs.) **Experiências metodológicas em textualidades midiáticas**. Belo Horizonte: Relicário, 2019, p.141-162.

MOMBAÇA, J. **Não vão nos matar agora**. São Paulo: Cobogó, 2021.

MORICEAU, Jean Luc. **Afetos na pesquisa acadêmica**, Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM UFMG, 2020.

PEREIRA, S. L; GHEIRART, O. Caminhos da cena de música eletrônica em festas de rua em SP: estéticas, territórios e ativismos na festa e no personagem CARLOS CAPSLOCK. **Comunicação & Inovação**, PPGCOM/USCS, v. 21, n. 45, p. 3-21, jan./abr., 2020.

SOUZA, Tedson S. (2012). **Fazer banheiro: as dinâmicas das interações homoeróticas nos sanitários públicos da estação da lapa e adjacências**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil.